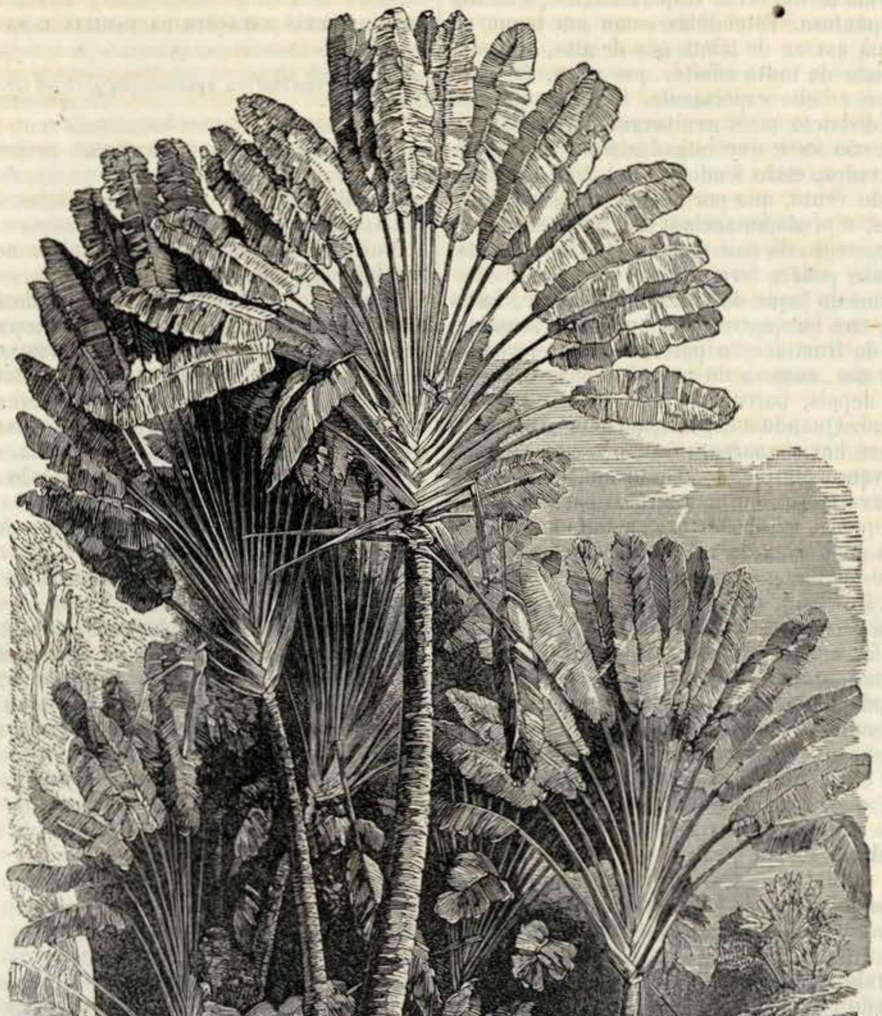


Arvore do Viajante em Madagascar. — Gravura de Coelho Junior.

Eis o que, a respeito da arvore do Viajante, diz mr. Ellis, nas suas viagens a Madagascar:

« Desde que partimos das planicies, a *rafia* tinha diminuido no tamanho, e era menos frequente; mas a arvore do Viajante abundava nas encostas dos montes, nas planicies, e em todos os sitios mais humidos, parecendo ter chegado á sua maior perfeição.

« Esta arvore, *Urania speciosa*, é em tudo uma das mais notaveis que tem sido descobertas na ilha de Madagascar. *Ravinala* é o termo da lingua indigena com que a designou o seu descobridor Sonnerat. Ravinala, litteralmente quer dizer, folha da matta.

« A arvore eleva-se com um grosso e succulento tronco, como o da tanchágem, ou da strelitzia da especie maior, com ambos os quaes tem grande similhança. Do cimo e do centro do tronco lhe sáem largas e compridas folhas como as da tanchágem, mas menos fortes; e nascidas, não ao redor do tronco, mas em duas linhas nos lados oppostos, de modo que, quando umas folhas crescem, as outras mais a baixo pendem, ou ficam horizontalmente, apresentando a arvore um como grande leque aberto. Quando o tronco se eleva dez ou doze pés de altura, a parte inferior e exterior da casca faz-se dura e secca como a casca do coqueiro. Muitas das arvores n'este districto tinham, ao menos, trinta pés até ás primeiras folhas. Muitas vezes contei de vinte até vinte e quatro folhas n'uma só arvore, tendo o talo de cada fo-

lha seis ou oito pés de comprido, e a mesma folha quatro ou seis pés de largo. Todas estas vinte e quatro folhas eram de um verde resplandecente, e de um tamanho espantoso. Estendidas como um leque no cume de uma arvore de trinta pés de alto, apresentam uma vista de tanto effeito, que vel-a, foi para mim um raro e bello espectaculo. Eram os objectos que n'este districto mais avultavam por legoas inteiras, e se não fosse que estas lustrosas e brilhantes folhas verdes, estão fendidas de ambos os lados pela acção do vento, que por isso as agita a viração como a tiras, a predominancia d'esta arvore communicaria á vegetação do paiz um aspecto de grandeza, de que se não podéra formar idéa.

« Nos ramos do leque da arvore do Viajante, havia geralmente, tres ou quatro, com botões de semente. Os logares da fructificação pareciam estar fechados n'uma dura noz, como a do coqueiro; mas o desenvolvimento depois, parecia-se mais com o da fruta da tanchágem. Quando a capsula, ou logar da semente, das quaes havia quarenta ou cincoenta em cada cacho, estavam maduras, arrebentavam, e cada capsula encerrava trinta, ou mais grãos, parecidos com uma fava pequena, mas cobertos com fibra muito fina, azulada, ou purpurina da mais brilhante côr. Umas amostras d'estas lindas sementes foram-me dadas depois pelo sr. Dowland, nas Mauricias : estão agora depositadas no museu dos reaes jardins, no sitio do Kew.

« O que faz mais celebre a arvore do Viajante, é encerrar, mesmo durante o tempo mais sêcco, grande quantidade de agua fresca e limpida, supprindo ao viajante as fontes no deserto. Quando perguntava aos indigenas, se isto era assim, sempre me affirmavam que era verdade, e que tão abundante e pura era a agua, que, quando trabalhavam ao pé das arvores, e não queriam ter o trabalho de ir ao rio, a tiravam e bebiam da arvore. Tendo antigas duvidas sobre isto, resolvi-me examinar algumas das arvores; e durante a jornada d'esta manhã, parámos ao pé de algumas. Um de meus criados cravou uma lança, quatro ou cinco pollegadas, no grosso e firme começo do talo da folha, umas seis pollegadas acima da sua ligação com o tronco da arvore, e quando a tirou, uma corrente de agua pura borbulhou, da qual salvámos quasi um quartilho n'uma bilha, e alli mesmo d'ella bebemos todos. Estava fresca, limpida, e muito doce. Examinando mais de perto, achei que não havia filtração de agua por qualquer parte da planta, como julguei quando vira sir William Hooker tirar agua de um dos specimens, que está na casa das palmeiras no jardim de Kew.

« Havia uma especie de cavidade natural, ou receptaculo, na parte mais baixa do talo de cada uma das folhas, acima da juncção com o tronco. A agoa que se depositava na superficie da larga e lacérada folha, descêra por um conducto que havia na parte superior do talo, e entrára no reservatorio onde suppria ao alimento da arvore, e servia de refresco ao viajante ou ao trabalhador.

« Entretanto, em Madagascar, esta arvore podia com mais razão ser chamada arvore do Constructor, em logar de arvore do Viajante. As folhas servem ao colmado de todas as casas do lado oriental da ilha. Os troncos servem para as divisões e fundamentos das casas; e a parte dura externa do tronco serrada em taboas, serve para o sobrado. Vi o sobrado inteiro de uma boa e comprida casa, feito com esta madeira, tendo cada taboa, ao menos 18 pollegadas de largo, e 20 ou 30 pés de comprimento. A folha, quando está verde, serve para capas de fardos, e tambem é á prova de agua. Como serve de toalhas de mesa, travéssas, e pratos, vendem-se grandes porções todas as manhãs nas praças. Dobradas de certa maneira, servem para colheres e copos. »

A MULHER

NAS DIVERSAS RELAÇÕES DA FAMILIA E DA SOCIEDADE.

(Paginas vertidas dos *Apontamentos para um Livro*, de D. Severo Catalina.)

OS EXTRAVIOS.

I.

Muitos dos leitores não terão talvez noticia de soror Joanna Ignez de la Cruz.

É uma grande poetisa americana do seculo XVII; uma mulher singular, na qual, como escreve um reverendo padre, ao censurar as suas poesias, se comprova « que não é incompativel ser humilissimo servo de Deus, e fazer muito boas coplas. »

Com licença de sua paternidade reverendissima, os cantos da inspirada religiosa mexicana, que lhe mereceu o appellido de *musa decima*, são muito mais do que coplas; são um thesouro de poesia e de conceitos, sufficiente para affiançar uma reputação ; bastante, como o mesmo padre disse, « para que todos vejam que cousas tão estupendas ha no outro mundo. »

Pois essa moderna Sapho, que assim encheu o novo continente com o aroma do seu genio, legou-nos a proposito da epigraphe que tem este capitulo, umas lindissimas estrophes, que transcriptas entre estes *Apontamentos*, serão, de certo, brilhante de alto preço engastado em mui tosco barro.

Eil-as :

Hombres necios que acusais
á la mujer sin razon,
sin ver que sois la ocasion
de lo mismo que culpais ;
si con ansia sin igual
solicitais su desden,
¿ por qué quereis que obren bien,
si las incitais al mal ?

. . . .

Quereis con presuncion necia
hallar á la que buscais
para pretendida, Thais ;
y en la posesion, Lucrecia.
¿Qué humor puede haber mas raro
que el que falto de consejo,
él mismo empaña el espejo
y siente que no esté claro?
Con el favor y el desden
teneis condicion igual,
quejándoos, si os tratan mal ;
burlándoos, si os quieren bien.

. . . .

Siempre tan necios andais,
que con desigual nivel,
á una culpais por cruel,
y á otra por fácil culpais.
Pues, ¿cómo ha de estar templada
la que vuestro amor pretende,
si la que es ingrata ofende
y la que és fácil enfada ?

. . . .

Dan vuestras amantes penas
á sus libertades álas ;
y despues de hacerlas malas
las quereis hallar muy buenas.

. . . .

¿Cuál será mas de culpar,
aunque cualquiera mal haga,
la que peca por la paga
ó el que paga por pecar ?
Pues, ¿para qué os espantais
de la culpa que teneis?
Queredlas cuál las haceis.
O' hacedlas cuál las buscais.

. . . .

Quem raciocina, sente, e versifica assim, é poeta perfeito. Os dois ultimos versos constituem um tratado importantissimo de philosophia e de moral.

Os *extravios* da mulher formam sempre segunda parte, cuja primeira, não ha que perguntar, é a seducção.

Jámais nos cançaremos de repetir que as leis admittidas na actual sociedade ácerca da honra, luctam

com os foros da civilisação, e são um testimunho patente de egoismo, de covardia, e de injustiça.

Para conservar a castidade, o homem combate com os seus pensamentos; a mulher combate com os seus pensamentos, e com os continuos artificios dos homens. O primeiro pertence ao sexo forte; o segundo ao sexo fragil.

Qual das duas castidades terá merito maior?

Se um homem de edade provecta, conhecedor do mundo, mestraço na ideosa arte de galantear, seduz uma joven candida e innocente, esta fica affrontada, e o *heroe* acrescenta uma folha á sua coroa de triumphos.

Tal é a sociedade; tal é esse mytho que chamam opinião publica!

O seductor respeita hoje o que se propõe deprimir ámanhã; finge que idolatra o que anhela profanar; humilha-se hoje como escravo, para se erguer ámanhã como tyranno.

E a mulher não dá fé.

Porque não a ensinam a advertil-o.

Porque não a educam.

II.

O pudor é bellissimo adorno na mulher; assim, no entender de uma insigne escriptora, o pudor deve reputar-se como o afim mais proximo da virtude; e no conceito de Bacon, é para o corpo o que a discrição é para a alma.

O pudor na mulher é flor tão delicada, que o sôpro de uma imprudencia o offende, e o calor de um olhar indecoroso requeima-o e definha-o.

Porém, ao mesmo tempo, o aroma d'essa flor produz a mais pura e a mais delicada das indulgencias.

Tratar as mulheres sem offender, nem levemente, o seu pudor, sem que lhes assome o carmim ás faces, é sciencia que a mocidade actual descuida como quasi tudo que é justo.

As idéas que dominam a respeito da galanteria acham-se, em regra geral, tão distantes da razão, que parecem antes filhas do espirito de vingança, do que do espirito de ternura e de carinho.

N'este ponto, a sciencia do homem consiste em fingir; a sciencia da mulher deve consistir em duvidar.

A galanteria, em certos labios, é o prologo da seducção. É, como se disse com verdade, um jogo em que todos entram: os homens arriscam n'elle a sinceridade, e as mulheres o pudor.

As mulheres, para se fazerem verdadeiramente amaveis, devem respeito ao pudor, terem-n'o mui arraigado, e ignorarem que o tem.

Ostentação de modestia vem a ser muita vez testimunho de malicia.

Mulher, cujo recato se ostenta facilmente, não offerece grande prova a favor d'essa ignorancia encantadora, que tão bem ajusta ao seu sexo.

Mulher que recebe sem precaução as phrases e as demonstrações da galanteria, é como um menino que brinca com um canivete: a final de tudo sempre se corta.

III.

Se é certo que as garridas tem, como a aranha, a tela finissima onde se prendem os amantes fracos, não é menos certo que chega um dia em que um amante forte quebra a rede, e anniquila a obra do tempo e dos desvelos.

E o numero dos amantes fortes é já em demasia; que não o esqueçam as lindas fabricantes da finissima tela.

Os extravios das mulheres, que costumam ser identicos nas consequencias, differem quasi sempre nas circunstancias.

Dada a existencia de mulheres que peccam, póde-se dizer, com um sapiente escriptor, que as ricas compram o pudor, e as pobres vendem-n'o.

Comprado, ou vendido, a honestidade com que se chatina não é honestidade.

Os sabios entretiveram-se em escrever a historia da prostituição, buscando-a e achando-a, por desgraça, em Babylonia, em Athenas, em Roma, em Veneza, em Londres, e em Paris; desenterraram leis e ordenações dos tempos de Carlos Magno, de Luiz VII, e de monarchas posteriores.

Magnifica distracção dos sabios! Todas as deducções que obtiveram, todo o fructo de suas longas tarefas, podem synthetisar-se n'este principio, que com a auctoridade de sabedores, assentaram como axioma: «a prostituição é um mal necessario.»

Em nome da moral, declarâmos falso esse principio; em nome do senso commum, abstemo-nos de provar a falsidade.

A castidade, em todas as eras, e em todos os paizes, apparece como sacrificio de immenso valor; a castidade, entre os christãos, é grande virtude, — representa o triumpho que o espirito alcança sobre a materia.

A prostituição é, sem duvida, o nefando trafico da castidade.

Comtudo, ha uma classe de prostituição, que não condemna a sociedade; que está admittida, e ainda necessariamente consagrada.

Essa prostituição é o matrimonio dos que não se amam, dos que vendem a sua mão por um capital, ou por uma posição, ou por um titulo aristocratico.

Essa prostituição é a voluntaria, ou obrigada, da joven pobre que se une ao decrepito.

Essa prostituição é o ascarento consorcio do mancebo pobre com a anciã rica.

A pobreza e a ignorancia são de ordinario as chaves que abrem a porta da prostituição.

Uma vez traspassado o umbral, ha apenas esperança para essas infelizes creaturas.

Dizemos *apenas*, porque um amor intenso póde ainda rehabilital-as; um arrependimento sincero póde abrir-lhes as portas da sociedade e da gloria. Quem não tem lido no livro immortal do Evangelho a historia de Magdalena?

Caridade e ensino para as desventurosas que vivem no crime, e no supplicio da prostituição!

Caridade e ensino! Aos homens de hoje repugna-lhes o nome, e não extinguem a nefaria profissão; elles apiedam-se e lamentam-se em publico de tanta belleza que perdeu a frescura pelos extravios, de tanta degradação na alma da mulher; e talvez, a occultas, protejam e incitem a degradação e os extravios.

Poderá isto parecer um máo juizo; um juizo inexacto e apaixonado: oxalá o fôra!

Não ha venda sem comprador: e os compradores de amor e de prazeres *por vicio*, são ainda mais repugnantes do que os vendedores *por necessidade*.

Reproduzamos, para concluir este capitulo, a magnifica pergunta de soror Joanna de la Cruz:

¿ Cuál será mas de culpar,
aunque cualquiera mal haga;
la que peca por la paga
ó el que paga por pecar?

(Continúa).

BRITO ARANHA.

Muitos contos e romances afrouxam o vigor da alma, e provocam completa indifferença pelos pequenos gozos habituaes, pelos prazeres de todos os dias, e pelas occupações que, ainda que triviaes, constituem uma grande parte da felicidade interior.

REINADO DE D. PEDRO II.

(Fragmentos).

CORTE DE PORTUGAL EM 1692.

(Continuação).

Vejamos agora quaes figuras clericaes appareciam nas intrigas, nas ambições, nas influencias governativas, e scenas da corte.

O cardeal d'Alencastro era mui velho, não tinha menos de setenta e oito annos; mas passava bem. Era grande inquisidor e conselheiro d'estado, bom e honrado homem. O rei, de quem era ainda parente, amava-o, e tinha por elle muita consideração, porque se persuadira que era todo do seu partido, e mui dedicado á sua pessoa e ao bem do estado. Isto, porém, não obstava que a inclinação do cardeal fosse mais hespanhola que franceza. Escrevia regularmente para Hespanha, e recebia de lá cartas; mas tambem vivia optimamente com os embaixadores de França. Elles o procuravam, e elle os visitava sem ceremonia. Como a sua dignidade de cardeal fazia que não tivessem difficuldade em lhe fazerem a primeira visita, e lhe cederem o passo por toda a parte, os embaixadores iam vel-o, eram bem recebidos; mas não tiravam nada d'elle, que todo o tempo levava em comprimentos, ou perguntas a respeito da França ou da guerra.

Com o ministro de Hespanha communicava mais que com o de França, mas isto nada pesava na balança dos partidos. Além de ter pouca influencia, era pela paz, e pelo socego de Portugal, salvo querer que o rei D. Pedro continuasse a fazer guerra á Turquia, ouvindo dizer com desgosto que o imperador estava disposto a fazer pazes com os turcos. Porque o principe d'Orange era heretico, era contra elle, e fazia d'isto ponto de religião. Pela mesma razão não podia soffrer os hollandezes. Grande admirador da casa d'Austria, era por isso mui addicto á rainha de Portugal, e ao partido do imperador.

Amigo do cardeal d'Estrées, communicavam-se quando se offerecia occasião d'isso, e era pelo francez tratado muito bem.

Estimára muito a fallecida rainha, e não perdia occasião de a louvar. Tambem amára ternamente a infanta, de quem dizia todo o bem que se podia imaginar, havendo chorado e sentido vivamente a sua morte. Nas ultimas seis semanas da sua doença não passára um unico dia sem ir duas vezes ao paço saber novas d'ella, chegando a demorar-se muitas horas nas ante-camaras. Era amigo intimo do duque de Cadaval, e nada lhe occultava.

O arcebispo de Lisboa era conselheiro d'estado. Não se visitava com os embaixadores de França, tanto por causa da primeira visita que não queria fazer, como porque era mais affeiçoado á Hespanha. Sua sobrinha casára com o principe de Ligne, irmão do marquez de Moüy.

Na qualidade de capellão mór ia ao paço quasi todas as manhãs á missa do rei, inda que ella se dissesse n'uma capella particular onde ninguem entrava.

O seu arcebispado pagava uma pensão ao cardeal d'Estrées, de quem não era muito amigo. Entretanto, dissimulava-o, porque pretendia obter do rei a primeira nomeação que houvesse para o sacro collegio, e o mesmo cardeal, protector da coroa de Portugal, podia servir de muito em Roma para fazer vingar tal pretenção.

A pensão que o rei accordára ao cardeal francez era de dois mil cruzados, pagos pelo arcebispado de Lisboa, que tinha quarenta mil cruzados de renda.

Soberbo e altivo, grande partidario de Hespanha, e admirador da casa d'Austria, o arcebispo não tinha grande credito junto ao rei, que o conhecia perfeitamente.

Experimentára grande desgosto quando o rei lhe preferíra, na ultima nomeação, o cardeal d'Alencastro.

Inda que o não parecesse, elle e o duque de Cadaval eram sempre oppostos. Com a rainha estava bem, porque era do partido de Hespanha, e cegamente dedicado á casa d'Austria.

Affectava saber as genealogias da Europa, e entroncava a sua n'um rei de Portugal.

O padre Francisco Sarmento era procurador geral das Indias, homem que se dizia amava o bem e a virtude. Tinha muita entrada com o conde d'Alvor, de quem era confessor, e com o qual viera de Goa. O rei tinha-o em grande estimação, e depositava mesmo n'elle confiança. Fôra a Roma, na qualidade de deputado, e conhecêra lá o cardeal d'Estrées. Desde pouco tempo, tinha relações com o padre Verjus, a respeito das missões. D'aqui o julgarem-n'o inclinado ao partido francez, suppondo-se que tomaria como honra ter accesso ao abbade d'Estrées, de quem muitas vezes podia depender, por causa das suas missões da China, e por muitas outras cousas. Por seu intermedio podia o partido francez dizer ao conde d'Alvor quanto quizesse e lhe conviesse. Para o captarem, faziam-lhe crer que eram (os francezes) a favor das suas missões, e que desapprovavam o procedimento passado dos vigarios apostolicos de França.

O padre José Candone fôra expulso de Tonkin e da Cochinchina, pelos vigarios apostolicos francezes que contra elle tinham escripto para Roma. Tinha-se justificado, e esperava ser reenviado ás suas antigas missões. Ao menos desejava-o.

O padre Leopoldo Fuesf, confessor da rainha, e todo seu partidario, era tambem pelo imperador e pela Hespanha. Um cardeal protector francez lhe dera outr'ora desgostos. Parecia agora mais portuguez que hespanhol. Muitas vezes visitára o ultimo embaixador francez, e ambos se tinham dado bem. Não estava muito ao facto do que se passava na Europa, mas podia sabel-o pela rainha. O rei não tinha ministro seu junto ao imperador, nem se escreviam directamente *por causa do ceremonial*, mas a imperatriz escrevia á rainha de Portugal, sua irmã.

O padre Manuel Fernandes era confessor do rei, muito do partido francez, inimigo dos hespanhoes, e do principe de Orange. Julgavam-n'o bem intencionado, mas quasi sem prestimo, porque tinha já mais de oitenta annos.

O padre Manuel Ferreira tinha, como o padre José Candone, sido expulso de Tonkin e Cochinchina pelos vigarios apostolicos francezes. Eram dois companheiros com verdadeira communhão de interesses, que obravam de commum accordo.

O padre Sebastião de Magalhães era superior da casa professa dos jesuitas, em Lisboa. Tinha facil accesso ao rei, e estava instruido do que occorria nas cortes estrangeiras, pelo que tocava á guerra. Seu irmão era nosso enviado em Inglaterra.

Este padre Sebastião não era nem francez, nem hespanhol. No que, porém, prendia com a religião, era francez, para não estar do lado dos hereticos e do principe d'Orange. Simillhantemente, na guerra contra os turcos era pelo imperador. Entendia o francez, e sentia prazer em se lhe communicarem gazetas de França, e outras noticias da guerra. Fazia-as valer muito, e applaudia-se, se alcançava copia d'ellas, quando, na sua phrase, *eram vantajosas á religião*. O partido francez procurava convencel-o, que o cardeal d'Estrées não era absolutamente a favor dos vigarios apostolicos nas Indias, antes defendia o direito de Portugal.

Sebastião de Magalhães podia depender do cardeal, e por isso lhe mettiam á cara o abbade d'Estrées

para se relacionarem. Nascêra em Tanger, em Africa. Podiam dizer-lhe quanto se queria que o rei soubesse, mas sem se lhe significar tal desejo. Quem todos os mezes désse esmola aos irmãos do peditorio da sua casa professa, lisonjeava-o muito.

Temos dito o que basta das mais salientes figuras do clero, que ainda assim não tinha, nem muitas, nem mui importantes. Passemos agora revista ás da nobreza secular.

O duque de Cadaval, conselheiro d'estado, mais francez que hespanhol, ou melhor, nem uma nem outra cousa, antes todo portuguez, ninguem podia contar com elle, nem com o que dizia, porque facilmente mudava d'accordo. Poucas fiusas se podiam fazer nas suas promessas. Fallava bem dos negocios, entendia-os, mas tinha o genio de se não comprometter a cousa alguma. Nada fazia contra a França, mas nada fazia contra a Hespanha. Opinava que houvesse paz com o principe d'Orange. Era o nobre mais rico de Portugal, homem sem fausto e sem ceremonia. Só dizia o que queria, e nada communicava a sua mulher, inda que ella fosse toda dos seus sentimentos. Não tinha junto ao rei tanto credito como se imaginava, mas entrava em todos os negocios, e sabia quanto se passava. Mordomo-mór da casa da rainha, e tendo todas as entradas no paço, nem por isso ella se fiava muito d'elle, inda que o não désse a conhecer. Estava mui ligado ao cardeal d'Alencastro. A casa d'Arronches, isto é, o arcebispo de Lisboa, e os dois marquezes, não eram seus amigos, nem do seu partido; mas de uma e de outra parte se tratavam com civilidade.

O marquez d'Alegrete, conselheiro d'estado, e camarista do rei, entrava em tudo, e tinha valimento e parte nos negocios. Na qualidade de embaixador, tratára na Allemanha do casamento da rainha, e a acompanhára depois a Lisboa. Mui acceito a esta princeza, e ao rei, junto a este permanecia uma semana sim, outra não. Desconfiado e extremamente retrahido, não era do partido francez. Sabia-se, entretanto, que tinha correspondencia com os embaixadores de Hespanha. Devêra muito á fallecida rainha, e fôra sempre contrario ao casamento da infanta, em França, o que ella bem suppozera sempre.



Praça dos Martyres em Bruxellas.

O marquez d'Arronches, pae, era conselheiro d'estado, e irmão do arcebispo de Lisboa. Só tinha uma filha casada com o filho do principe de Ligne, a quem chamavam o joven marquez d'Arronches. Era mui unido com seu irmão arcebispo, e seguia em tudo os seus sentimentos. Fôra embaixador em Madrid e em Londres, e todo se inclinava ao partido hespanhol. Segundo era voz publica, não havia fiar no que elle dizia, porque costumava dizer muitas *cousas que assim não eram*, isto é, mentir.

O joven marquez d'Arronches, como já se disse, da casa de Ligne, era irmão do marquez de Moüy. Retirado muito do trato dos embaixadores francezes, occupava-se em fazer versos e livros. Como era moço, não entrava ainda em nada. Acreditava-se que era parcial de Hespanha. Nascêra em Flandres subdito do rei de Hespanha, e vivêra muito tempo em Bruxellas.

O marquez de Cascaes era governador do castello de S. Jorge, em Lisboa. Seu pae fôra embaixador em França, e conselheiro d'estado. Fallava francez, era do partido francez, e tinha um filho que queria casar com uma franceza. Homem civil e honesto, era muito mettido comsigo.

O marquez de Fontes, moço que havia dois annos desposára a filha que o duque de Cadaval tivera de uma princeza da casa de Lorena, mais moço que sua mulher, não tinha mais que dezesete annos, e pouco influia.

O marquez de Fronteira, homem de espirito, tinha pretenções a entender de sciencias e lettras. Joven ainda, não entrava nos negocios do estado. Tinha ido a Turin na esquadra, e era governador de Setubal. Mad. Royale lhe fizera muitas finezas, e a rainha defuncta o tratava com bondade. Pouco vivia em Lisboa. A consideração que tinha por mad. Royale, e pelo cardeal d'Estrées, eram esperanças para o partido francez. Sabia o francez, e tinham-n'o como prudente e muito moderado.

(Continúa). JOSÉ DE TORRES.

PRAÇA DOS MARTYRES EM BRUXELLAS.

Ao lado da rua Nova, que fica fronteira ao largo e estação do caminho de ferro do norte, em Bruxellas, está uma pequena praça, que primeiro se chamou

de S. Miguel, e depois, na dominação franceza, praça da Lavanderia, pelo destino que então tinha. Em 1830 tomou o nome que agora tem, de praça dos Martyres, quando para alli transportaram os corpos dos voluntarios mortos na jornada de setembro.

Bellos edificios, columnatas doricas, e duas ordens de tilias, rodeiam o monumento levantado áquellas victimas da revolução que fez da Belgica um reino independente. Um pouco isolada, esta praça tem ar de solidão perfeitamente accommodado ao seu destino actual: é feliz a comparação que d'ella fizeram ao claustro de uma abbadia. O architecto Fisco lhe traçou o plano em 1775.

Hoje, entre dois pequenos jardins bem conservados, apresenta aberta ao ceo, e profundada no solo uma cava sepulchral. No fundo da crypta ha um claustro proporcionado, e debaixo de cada uma das suas arcadas se lêem, em pranchas de marmore preto, os nomes das victimas conhecidas, e os logares do seu nascimento. São mais de 450 nomes; pouco mais ou menos, egual numero de victimas ficou anonymo. Do meio d'esta pequena crasta se eleva um grande pedestal quadrangular de pedras azues, sobre o qual assenta a estatua colossal da Belgica, calcando aos pés as cadêas, e acariciando com uma mão o Leão. Quatro anjos occupam os angulos do pedestal, e quatro baixos-relevos decoram as quatro faces: d'entre estes um representa a *Benção das Sepulturas*, e outro a *Belgica conferindo palmas civicas aos heroes*. É auctor d'estes trabalhos o esculptor official, e ao mesmo tempo popular, dos belgas, Guilherme Geefs, cujo cinzel facil e elegante, mas talvez pouco energico, parece ter algum parentesco com o de Pradier.

Passando pela vista todos os nomes que estão inscriptos nas taboas funerarias do monumento dos martyres, encontra-se uma recordação de Portugal, que ainda assim, não é unica n'aquelle paiz. N'uma das taboas (a da direita) fronteiras á porta de entrada, figura do seguinte modo, um filho da ilha da Madeira, que pelo nome parece de origem ingleza:

BANGER — JOHN — ILE DE MADERE.

Dos feridos de setembro se fez um corpo que está quasi extincto: não tinha nem tem outro encargo, que guardar o monumento, fazendo sentinella sem armamento militar á roda d'elle. Cada praça d'esse corpo tinha por anno o soldo de 81$000 réis.

Parece-nos que da idéa objectiva d'este monumento dos martyres, é que nasceu a de uma crypta para tumulo de Napoleão I. Differem sim, na grandeza, porque esta é menor que aquella, sendo tambem de fórma circular em logar de quadrada, e aberta no cruzeiro da egreja dos invalidos em Paris, em logar de estar no meio de uma praça de Bruxellas.

FRANCISCO XAVIER MONTEIRO DE BARROS.

IX.

A nomeação de Francisco Xavier Monteiro para um logar de cosmographo ficou, como já disse, inutilisada pelas circunstancias que, desviando para assumptos mais urgentes a attenção do governo, concentrada nos cuidados da defesa do reino, fizeram pôr de parte aquella organisação. Depois da saida dos francezes em 1808, Monteiro foi durante algum tempo empregado successivamente no serviço dos commissariados britannico e portuguez, até que em 1814 o sr. M. B. Lopes o incumbiu da administração e gerencia dos negocios de sua casa. Poucos mezes depois que entrára n'este exercicio, foi inopinadamente preso (em 26 de janeiro de 1815) lançado na cadêa e posto de segredo, por intriga de pessoa, que então gozava em Lisboa de grande consideração e valimento.

Esta pessoa, cujo nome omittirei para não perturbar a paz do sepulchro, onde repousa ha hoje bons quarenta annos, indisposta contra Monteiro por suspeitas mal fundadas que d'elle concebêra, procurou disfarçar-se vilmente, pondo em pratica uma vingança indigna. Denunciou-o em particular ao regedor das justiças, de que estava incurso em sentença de degredo, o qual não cumprira, referindo-se ao processo motivado pelo insulto do Carmo. Capturado o supposto reo, foi-lhe facil mostrar a injustiça de tal procedimento, produzindo a copia ou traslado do decreto pelo qual fôra com seus companheiros indultado em 1795. Parece que á vista d'este documento deviam mandal-o em paz; porém não aconteceu assim. Houve mister os esforços dos seus amigos, que por elle se interessaram, com zelo e efficacia; masque, apesar de incançaveis diligencias, só lhe alcançaram a soltura em 30 de julho de 1815, depois de completos seis mezes de prolongada e durissima prisão.

Restituido ao gozo da sua liberdade, Monteiro quiz dar áquelles amigos (Margiochi, Baeta e M. B. Lopes) uma demonstração de agradecimento aos beneficios recebidos. Retocou para este fim o seu *Hymno á Amizade*, introduzindo n'elle algumas variantes allusivas ás perseguições que soffrêra, e tirando de sua letra tres copias, brindou com ellas aos sobreditos. Da que ainda conserva o terceiro dos nomeados, e o unico que hoje existe, transcreverei para aqui esta peça, que talvez não desagradará aos que pretenderem conhecer de mais perto, e á face de prova documental, o estilo e mania poetica do auctor.

Por ti, sob'rana dadiva dos numes,
    Benefica Amizade,
Do delfico furor arrebatado,
Hoje travo de cithara sublime,
E te dirijo a sonorosa offerta
    De meus sinceros versos;
Visto que em ti contemplo
Do estado social o bem mais puro.

Affeita ao bem-fazer, contraria ao pranto,
    Nos subitos desastres
Tu a afflictos mortaes dás prompto auxilio:
De ingenuos corações tomando posse,
A tantos virtuosos desvalidos
    Da cega deusa d'Antio,
    Co'a poderosa dextra
Ufana arrancas da miseria ás garras.

Tu de gloria os alumnos fortificas
    Nas difficeis emprezas:
Foi, confiado assim no illustre amigo,
Perithо demandar do Averno as sombras;
E apesar das muralhas tresdobradas,
    E portentosos monstros,
    Que o immundo alcaçar guardam,
O medonho Plutão cobrió de susto.

Amizade! Em teu candido regaço
    Os mais duros humanos,
Os mais bravos heroes allivio encontram;
Por ti o que domou de Juno as cobras,
As hydras, e os leões, e o cão do inferno,
    Na doce companhia
    Do charo Philotetes
Brandas achava as marciaes fadigas.

D'este amigo fiel vivendo ao lado
    Lhe era menos penoso
De Dejanra o pertinaz ciume:
E se outr'ora de amor sentia as frechas,
    Da rainha da Lydia
    Os altivos caprichos,
Ou esquivanças da engraçada Iole.

Estribado no teu suave apoio
    Da familia de Priamo
O decantado assolador, Pelida,
Co'a presença de Pátroclo adoçava
Lembrança amarga de Briseidá ausente;
    E os fervidos impulsos
    Da cholera, causada
Pela injustiça do soberbo Atrida.

Que seria sem ti da prole infausta
    Do rei dos reis da Grecia?

Succumbira por certo ainda infante
Aos dolos como o pae, do adult'ro Egisto;
E muito mais sem Pylades seria
De cidade em cidade
Pelo tremendo facho
Das tartareas irmãs affugentado.

Oh! Que soccorros presta um sabio amigo
Nas litterarias lidas
Ao polido escriptor, que a patria honra!
Já Racine e Virgilio egregios versos
A Horacio, a Boileau primeiro abriam,
E approvados por estes
Das censuras zombavam
Do estupido Pradon, de Bavio, e Mevio.

Não tens sido tambem comigo avara
De teus dons bemfeitores:
Nos leaes, nos magnanimos amigos
Armas tenho de bronze contra a inveja
De apoquentados genios malfeitores:
Tenho honrosa defesa
Contra indignas ciladas
Por deshumana mão traidora urdidas.

De tanto beneficio em recompensa
Não queimo em teus altares
O pranto, que verteu a mãe de Adonis;
Porém tremer verás na lyra eterna
Despidas de lisonja audazes cordas,
Que, pregões da Amizade,
Vão incitar os homens
A renovar teu despresado culto.

X.

Chega o tempo de contemplarmos Xavier Monteiro, na qualidade de homem publico, e de legislador.

O grito de liberdade, levantado no Porto em 24 de agosto de 1820, e em breve repercutido por todo o reino, trouxera, como consequencia immediata, a prompta convocação de um congresso nacional, em que as necessidades publicas fossem devidamente attendidas. Tratava-se não só de reconstruir sobre novas bases o pacto fundamental, que devia reger a sociedade portugueza, e assegurar a seus membros, por modo definido e claro, a posse e exercicio dos direitos civis e politicos, que como taes lhes competiam, mas de extirpar sem dó os milhares de abusos, introduzidos pela diuturnidade dos tempos, e mais aggravados ainda pela ausencia do monarcha. Era mister fazer justiça a tantos, que d'ella se mostravam sequiosos; retemperar, em fim, as velhas molas já cançadas, e organisar de novo outras, para dar á machina social a força e unidade systematica de que dependia a sua conservação.

A empreza tornava-se de certo mui ardua, e para ella não bastavam só probidade moral, e bons desejos da parte dos que fossem chamados a executal-a. Cumpria que os eleitos do povo juntassem á dedicação e amor pela causa da patria, uma somma avultada de doutrinas philosophicas e conhecimentos positivos, com que podessem discriminar a verdade do erro, e do sophisma, e decidir-se convenientemente em tantas e tão graves questões, como as que iam agitar-se, para serem por elles resolvidas.

A junta preparatoria das cortes, publicando as instrucções de 22 de novembro de 1820, entregára ao bom siso dos povos a escolha dos seus mandatarios, com liberrima faculdade de procural-os entre os que maior confiança lhes merecessem. Não houve por então suggestões, nem influencias estranhas; e menos da parte do governo essa intervenção illegal e facciosa, que ora a descoberto, ora disfarçada sob pretextos capciosos, foi depois exercida em tão larga escala, já offerecendo ás consciencias uma feira franca, já forçando-as tyrannamente a sanccionar com o seu voto os caprichos, as immoralidades, e não poucas vezes os crimes de homens obnoxios, e ambiciosos, que pretendem manter-se no poder a todo custo, ou aplanar a estrada para elle, supplantando os seus competidores.

As eleições de 1820, bem que reguladas pelo methodo indirecto, estatuido na constituição de Hespanha, que para tal fim se tomára como norma, gozam, pois, até hoje, e gozarão provavelmente no futuro, a honrosa preeminencia de serem as mais livres e conscienciosas, feitas em Portugal desde a primeira inauguração do systema representativo.

XI.

Congregados os eleitores da Estremadura para procederem á escolha dos vinte e quatro deputados, que pela lei cabiam a esta provincia, a urna deu em oitavo logar o nome de Francisco Xavier Monteiro, recaindo sobre elle o suffragio de quarenta e oito votos, entre os setenta e dois, que compunham o collegio eleitoral.

Um reparo se offerece aqui naturalmente. Raro e avantajado era, sem duvida, o merito d'aquelle, que inspirava de si tal confiança a seus concidadãos, que elles não hesitavam em preferil-o, antepondo o seu nome a tantos outros de individuos, por ventura mais considerados nas diversas ordens e classes da hierarchia social! E note-se, que nem á maçoneria, accusada por esse tempo de intervir poderosamente na gerencia dos negocios publicos, póde admittir-se n'este caso influencia que tal determinasse. Xavier Monteiro nem era maçon ao tempo da sua eleição, nem tão pouco o foi depois; e consta de testimunhas irrecusaveis, que sendo por vezes convidado, recusára sempre alistar-se n'essa sociedade, sem que o demovessem quaesquer instancias dos amigos para condescender com elles n'este ponto.

Descrever e analysar miudamente a vida e trabalhos parlamentares de Xavier Monteiro, desde o dia 24 de janeiro de 1821, em que tomou assento nas cortes constituintes até ao encerramento d'estas; e depois nas ordinarias que se lhes seguiram, terminadas, ou antes interrompidas, com a jornada de Villa-franca, seria empreza mui longa, e demandaria um espaço, que de certo não comportam as columnas do jornal para onde se escrevem estas linhas. Assim terei de restringir-me na simples enumeração do que julgo mais essencial. Os que pretenderem tomar pé no assumpto, percorram, se quizerem, as paginas dos volumosos *Diarios das Cortes*, relativas ao periodo indicado, e ahi depararão a cada passo com provas evidentes do modo por que o nosso deputado comprehendeu o alcance da sua missão, e das diligencias que empregou para desempenhar-se do mandato recebido.

(Continúa).

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

CORRIDAS DE CAVALLOS.

As corridas de cavallos são já para a França objecto de grande predilecção e enthusiasmo. N'isto segue, como em muitas outras cousas, o exemplo que lhe dá a Inglaterra.

Foi em 1833 que se fundou em Paris uma sociedade *(d'encouragement)* para obviar á decadencia aggravada de dia em dia nas raças cavallares, e crear pelo seu apuramento um novo elemento de riqueza para o paiz. Á iniciativa de quatorze jovens se deve a fundação do *jockey-club*, contando-se entre elles um portuguez, o cavalheiro Machado.

O objecto principal da sociedade foi popularisar e propagar as corridas, que são a unica prova certa das qualidades do cavallo de sangue, e excitar o governo a augmentar o valor dos premios. O seu primeiro cuidado foi definir bem o mal que queria remediar. Indicou o fim que se propunha, e formulou claramente a doutrina, que assentava, como base das

corridas, a preferencia dada como gerador ao cavallo puro inglez, sobre o cavallo arabe.

Ao lado das doutrinas fundou premios, e introduziu em França uma organisação nova para as corridas. Um inglez chamado Bryon, que tinha experiencia consummada de toda a pratica ingleza, foi para o club francez utilissimo auxiliar. Fez regulamentos, e um codigo de corridas. Instituio um tribunal. Além da commissão especial das corridas, nomearam tres commissarios encarregados de julgar em ultima instancia todas as reclamações ácerca dos premios fundados pela sociedade, e sempre promptos para as funcções d'arbitros que em negocios de outras corridas de França se lhes sollicitassem.



Corridas de cavallos.

O codigo de *jockey-club*, cujas principaes disposições tinham sido perfilhadas pela maioria das outras sociedades de corridas, veiu a ser base para o decreto ministerial de 17 de fevereiro de 1853, que ficou sendo o regulamento official obrigatorio para todas as sociedades de corridas em França, sem excepção. Assim se fixou a jurisprudencia do *turf*. É um documento util, que devem consultar os proprietarios de cavallos, que os querem fazer correr nas corridas do governo, ou nas dos premios das sociedades. A marcha a seguir é a mesma: entretanto, o *jockey-club* conservou para as corridas da primavera, que estão sob sua protecção, muitas disposições regulamentares que lhe são particulares: assim, toda a pessoa a quem a entrada nas corridas é prohibida por decisão do *jockey-club* inglez, não póde nem montar, nem conduzir, nem possuir no todo, ou em parte, um cavallo que entre nas corridas da sociedade. A commissão das corridas, com a maioria de dois terços de votos, póde pronunciar a mesma interdicção contra toda a pessoa que faltar ás prescripções do regulamento da sociedade, que tende a zelar a moralidade e lealdade das corridas.

Segundo os estatutos, o numero dos membros é illimitado; mas os candidatos estão sujeitos a condições de *notabilidade* e *fortuna,* que tem seus salutares rigores: uma esphera preta basta entre seis brancas para determinar inadmissão. Ninguem póde aspirar a fazer parte do circulo sem ser proposto por tres membros permanentes.

Cada membro permanente paga vinte libras esterlinas á sua entrada, isto é, oito libras pela joia do circulo, quatro pela subscripção annual da sociedade, e oito pela do mesmo circulo. Nos annos seguintes só paga quatro libras pela sociedade, e oito pelo circulo.

Os embaixadores e ministros estrangeiros, junto ao governo francez, podem, pedindo-o, fazer parte da sociedade e do circulo, sem votação. Em fim, por um acto de graciosa fraternidade, todo o membro do *jockey-club* de Inglaterra é admittido na tribuna das corridas, e obtem entrada no circulo, a convite do presidente, durante um mez. Os estrangeiros que não residem em Paris senão momentaneamente, podem ser admittidos como membros temporarios, pelo espaço de quatro mezes, mediante o pagamento de oito libras, das quaes, quatro são applicaveis á sociedade. O membro temporario que pede, no fim dos quatro mezes, nova admissão n'essa qualidade, ou deseja ser membro permanente, submette-se ás formalidades prescriptas para a admissão de qualquer candidato.

A sociedade augmenta todos os annos os seus sacrificios, em dinheiro, em proveito das corridas: depois de vinte cinco annos de existencia, tem distribuido mais de trezentos contos de réis, em premios. O seu exemplo tem excitado as provincias. Em 1834 era unica em França: hoje mais de cincoenta sociedades, constellações uteis d'este brilhante sol, distribuem o seu dinheiro por outros tantos hippodromos departamentaes.

Em Paris ha duas reuniões de corridas por anno; a da primavera, em abril ou maio; e a do outono, em novembro. A primeira é sob a protecção da sociedade *jockey-club;* a segunda, sob a do governo.

O *jockey-club* organisa, a perdas e damnos seus, as corridas de maio, cujos premios principaes fornece. Occorre a todas as despezas, realisa todas as receitas. Organisação e pormenores materiaes, são da sua competencia exclusiva, quer se trate de reuniões ordinarias, quer de reuniões hippicas da primavera. Em novembro cessa a sua competencia que passa á prefeitura do Senna, e aos ministerios do interior, e do commercio.

Os premios dados pelo governo, são divididos em duas cathegorias; premios classificados no regulamento, e premios não classificados. Todos os annos o governo determina as repartições e condições relativas aos premios não classificados. Por via de regra, os não classificados são distribuidos d'este modo: 1.ª classe, grande premio imperial: 2.ª, premio imperial: 3.ª, premio principal: 4.ª, premio especial.

O grande premio imperial, de 560 libras esterlinas, disputa-se nas reuniões do outono, e não póde ser ganho pelo mesmo cavallo mais que uma vez. Nenhum cavallo, ou jumento, póde disputar premio de classe inferior ao que já tiver ganho; mas póde ser admittido a disputar um da mesma classe, levando, além do peso, um excedente de alguns kilogrammas.

O campo de Marte cessou de ser o hippodromo de Paris. Da ponte de Neuilly á ponte de Suresnes, estendem-se ao longo do Senna vastas planicies de um bello esmalte verde. Cerca-as um horizonte radiante, limitado pelas alturas de Saint-Cloud, Meudon, e monte Valeriano. Este campo, em que outr'ora estivera a abbadia de Longchamps, entrou nos limites do bosque de Bolonha. É ahi que está agora o campo das corridas, e o competente amphytheatro.

CHARADA.

Entra n'um jogo saltando, — 2
Recebe a gente despida — 2
Cobriu feras algum tempo,
Hoje é de damas querida.

D. MARIA THEODORA DA CUNHA.

Explicação da charada do numero antecedente — *Piano.*

Explicação do enigma do numero antecedente.

Ouro é, o que ouro vale.

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 4 F.